

AS RUÍNAS DE PALMIRA

MEDITAÇÃO ACERCA DA
DESTRUIÇÃO DOS IMPÉRIOS

SEGUIDO DE
A LEI NATURAL

•

CONDE DE VOLNEY



ÍNDICE

<i>Nota biográfica sobre o Conde de Volney</i>	7
--	---

AS RUÍNAS DE PALMIRA

Invocação	15
Capítulo I – A viagem	17
Capítulo II – Meditação	20
Capítulo III – A Aparição	25
Capítulo IV – A exposição	31
Capítulo V – Condição do homem no universo	37
Capítulo VI – Estado primitivo do homem	40
Capítulo VII – Princípio das Sociedades	42
Capítulo VIII – Origem dos males das Sociedades	45
Capítulo IX – Origem dos Governos e das Leis	47
Capítulo X – Causas gerais da prosperidade dos Estados antigos	50
Capítulo XI – Causas gerais das revoluções e da ruína dos Estados antigos	55
Capítulo XII – Lições dos tempos pretéritos reflectidas nos presentes	66
Capítulo XIII – Melhorar-se-á a espécie humana?	81
Capítulo XIV – O grande obstáculo à perfeição	89
Capítulo XV – O novo século	94

Capítulo XVI – Um povo livre e legislador.	101
Capítulo XVII – Base universal do direito e da Lei . . .	103
Capítulo XVIII – Terror e conspiração dos tiranos . . .	106
Capítulo XIX – Assembleia geral dos povos	109
Capítulo XX – Investigação da verdade	114
Capítulo XXI – Problema das contradições religiosas .	128
Capítulo XXII – Origem e filiação das ideias religiosas	158
§ I <i>Origem da ideia de Deus. Culto dos elementos e das potências físicas da natureza</i>	163
§ II <i>Segundo sistema. Culto dos astros, ou sabeísmo . . .</i>	167
§ III <i>Terceiro sistema. Culto dos símbolos, ou idolatria . .</i>	172
§ IV <i>Quarto sistema. Culto dos dois princípios, ou dualismo</i>	185
§ V <i>Culto místico e moral, ou sistema do Além-túmulo .</i>	191
§ VI <i>Sexto sistema. Mundo animado, ou culto do Universo sob diversos emblemas.</i>	196
§ VII <i>Sétimo sistema. Culto da ALMA UNIVERSAL, ou do fogo, princípio vital do universo</i>	201
§ VIII <i>Oitavo sistema. O MUNDO-MÁQUINA. Culto Demiurgo ou Supremo Arquitecto.</i>	203
§ IX <i>Religião de Moisés ou culto da alma do mundo (You-piter).</i>	209
§ X <i>Religião de Zoroastro.</i>	210
§ XI <i>Bramanismo ou sistema indiano</i>	211
§ XII <i>Budismo ou sistema místico</i>	212
§ XIII <i>Cristianismo, ou culto alegórico do Sol, com os nomes cabalísticos de Cris-en ou Cristo, e de Yésus ou Jesus</i>	213
Capítulo XXIII – Idêntico fim de todas as religiões. . .	222
Capítulo XXIV – Solução do problema das contradições	236

A LEI NATURAL

Advertência do editor francês	245
Capítulo I – Da Lei Natural	249
Capítulo II – Características da Lei Natural.	252
Capítulo III – Princípios da lei natural respeitantes ao Homem	254
Capítulo IV – Bases da Moral. O Bem, o Mal, o Pecado, o Crime, o Vício, a Virtude	259
Capítulo V – Das virtudes individuais.	261
Capítulo VI – A temperança.	263
Capítulo VII – Da continência	266
Capítulo VIII – Da coragem e da actividade	269
Capítulo IX – Do asseio	272
Capítulo X – Das virtudes domésticas.	274
Capítulo XI – Das virtudes sociais. Da justiça	278
Capítulo XII – Desenvolvimento das virtudes sociais	281
<i>Palmira – Descrição geográfica e histórica.</i>	<i>289</i>



Pierre l'ardoué dessiné.

INVOCAÇÃO

Ruínas solitárias, sacrossantos sepulcros, muros silenciosos: Salve!

Dirijo-vos a minha invocação e a minha suprema súplica. Enquanto o vulgo foge aterrorizado perante o vosso sombrio aspecto, o meu coração, pelo contrário, sente-se atraído, enlevado no encanto de pensamentos profundos e elevadas ideias.

Quantas lições úteis, quantas reflexões veementes ou patéticas não suscitais no espírito que sabe consultar-vos!

Quando o mundo inteiro escravizado emudecia perante os tiranos, já vós proclamáveis as grandes verdades que eles abominavam e perseguiam!

Confundindo os despojos dos reis com os do mísero escravo, atestastes por modo eloquente e sublime o dogma sacrossanto da IGUALDADE!

Foi dentro do vosso recinto que eu, solitário amante da LIBERDADE, vi surgir, de entre os túmulos, a sua imagem, não como a imagina o vulgo insensato, empunhando archotes e punhais, mas com o aspecto augusto da Justiça, com as balanças sagradas onde, no limiar da eternidade, se pesam as acções dos mortais.

Ó Sepulcros! As virtudes que de vós emanam fazem o espanto dos tiranos!

Um secreto terror envenena as suas ímpias alegrias e obriga-nos a fugir, com covardia, levando para longe do vosso aspecto incorruptível os seus palácios orgulhosos. Punis o poderoso e altivo opressor e arrancais ao concussionário avaro o ouro roubado ao pobre indefeso; compensais as privações do pobre enchendo de contínuas aflições o fausto do rico; consolais o desgraçado oferecendo-lhe o último asilo; enfim, dais à alma esse justo equilíbrio de força e sensibilidade que constitui a sabedoria, a ciência da vida.

Considerando que vos deve ser restituído tudo, o homem reflexivo despreza o encargo das vãs grandezas, das riquezas inúteis, conserva o seu coração nos limites da equidade, e, como tem de cumprir o seu destino, emprega utilmente os instantes da sua existência fruindo os bens que esta lhe concede. Pondes assim um freio salutar ao impulso impetuoso da cobiça e acalmais o ardor febril dos prazeres que perturbam os sentidos. No vosso seio a alma repousa da luta fatigante das paixões, e sente-se elevada acima dos vis interesses que degradam a multidão. E do vosso ponto mais alto, ó, majestosas ruínas! Abrangendo o panorama dos povos e dos tempos, o espírito abre-se apenas para as sublimes afeições, e só concebe ideias sólidas de virtude e de glória.

Ah! Quando o sonho da vida atinge o seu fim, sem deixar vestígios de utilidade, pode-se perguntar para que servem todas essas agitações?

Ó Ruínas! Hei-de visitar-vos de novo para receber as vossas lições! Penetrarei gostoso na paz da vossa solidão! Longe do afritivo espectáculo das paixões, amarei os homens, recordando-me deles, ocupando-me deles, ocupando-me da sua felicidade. E a minha consistirá na inolvidável lembrança de lha ter apressado.

CAPÍTULO I

A VIAGEM

Aos onze anos do reinado de *Abdul-Hamid*, filho de *Ahmed*, imperador dos Turcos, quando os Russos conquistaram a Crimeia, arvorando os seus vitoriosos estandartes em frente de Constantinopla, viajei pelo Império Otomano e percorri as províncias que constituíram outrora os reinos do Egipto e da Síria.

Interessando-me tudo o que respeita à felicidade dos homens em sociedade, entrava nas cidades e estudava os costumes dos seus habitantes; penetrava nos palácios e observava a conduta dos governantes; dirigia-me depois aos campos e ali examinava a condição dos homens que os cultivam; e não vendo, em toda a parte, senão iniquidades e devastação, tirania e miséria, o meu coração enchia-se de indignação e de tristeza.

A cada passo encontrava campos abandonados, aldeias desertas, cidades e vilas em ruínas. Frequentemente deparrava, também, com monumentos antigos, relíquias de templos, palácios e fortalezas, colunas, aquedutos, túmulos. E este espectáculo conduzia-me à meditação dos tempos passados, suscitando-me pensamentos graves e profundos.

Cheguei assim à cidade de Homs, nas margens do Orontes; e achando-me perto de Palmira, situada no deserto, quis conhecer por mim mesmo os seus tão

gabados monumentos. Depois de três dias de marcha através as mais áridas solidões, depois de atravessar um vale cheio de grutas e de sepulcros, vi, de súbito, ao sair do vale, na planície, a mais espantosa cena de ruínas: era uma quantidade inumerável de soberbas colunas, ainda de pé, estendendo-se a perder de vista, em filas simétricas, como nas avenidas dos nossos parques. Entre as colunas erguiam-se grandes edifícios, alguns inteiros, outros meio derruídos. E por todos os lados juncavam a terra destroços semelhantes, cornijas, capitéis, fustes, cimalthas, pilastras, tudo em mármore branco, trabalhado com arte excelsa. Após três quartos de hora de marcha por entre estas ruínas, penetrei no recinto de um vasto edifício, que fora outrora um templo dedicado ao Sol, e pedi hospitalidade a uns pobres camponeses árabes que ali, mesmo no pavimento do templo, tinham estabelecido as suas choças. Resolvi demorar-me naquele lugar uns dias, a fim de poder analisar detalhadamente a beleza de tantas obras.

Todos os dias saía para visitar algum dos monumentos que ornamentam a planície; e, uma tarde, quando, com o espírito cheio de reflexões, me adiantara até ao Vale dos Sepulcros, subi às alturas que o dominam, e de onde a vista alcança, não só o conjunto das ruínas, mas também a imensidade do deserto. O sol-posto avermelhava ainda os longínquos horizontes das montanhas da Síria: a oriente, a Lua-cheia erguia-se, assente no fundo azulado das margens planas do Eufrates. O céu estava puro, o ar calmo e sereno. A luz expiante do dia diminuía o pavor das trevas. A frescura nascente da noite acalmava o ardor da terra abrasada. Os pastores tinham recolhido já os seus camelos. Nenhum movimento se distinguia na planície monótona e pardacenta.

Prolongado silêncio, mais pesado que as trevas, reinava no deserto e somente a grandes intervalos se ouviam os pios lúgubres de algumas aves nocturnas e os uivos de alguns chacais. As sombras aumentavam, não nos deixando enxergar, no crepúsculo, mais do que os fantasmas brancos das colunas e dos muros. Aqueles lugares solitários, aquela noite agradável, aquela cena majestosa, fizeram com que o meu espírito emergisse num recolhimento religioso. O aspecto de uma grande cidade deserta, a memória dos tempos passados, a sua comparação com a situação presente, impressionavam-me imenso. Sentei-me sobre uma das colunas derrubadas e, ali, o cotovelo apoiado no joelho, a cabeça assente na mão, lançando a vista ora sobre o deserto ora sobre aquelas ruínas, abandonei-me a uma meditação profunda.

CAPÍTULO II

MEDITAÇÃO

Aqui, disse eu comigo, floresceu outrora uma opulenta cidade: aqui foi a sede de poderoso império. Sim: nestes sítios, agora desertos, já uma multidão activa animou todos os seus recintos, circulando vivamente pelas ruas agora solitárias. Dento destes muros onde reina um silêncio confrangedor, retumbavam os ruídos das indústrias e os gritos de alegria e de festa do povo laborioso e feliz: estes mármores amontoados formavam então palácios de regular arquitectura; estas colunas derrubadas ornavam majestosos templos; estas galerias, entulhadas, embelezavam as grandes praças públicas.

Um povo numeroso afluía de toda a parte, atraído quer pelos respeitáveis deveres do culto, quer pelos cuidados importantes da sua subsistência. Uma poderosa indústria, criadora das comodidades necessárias à vida, atraía as riquezas de todos os países. Trocava-se a púrpura de Tiro pelo precioso fio de Sérica⁽¹⁾, os delicados tecidos de Caxemira⁽²⁾

⁽¹⁾ «Sérica», donde derivou o nome aplicado à *seda*, originária da região montanhosa onde termina a Grande Muralha, que foi o berço do império chinês, conhecido dos Gregos e Latinos pelo nome de *Regio Serarum*.

⁽²⁾ «Caxemira», que deu o nome aos xailes, que o profeta Ezequiel, cinco séculos antes da nossa era designava pelo nome de *Choud-choud*.

pelos faustosos tapetes da Lídia, o âmbar do Báltico pelas pérolas e perfumes árabes, o ouro de Ofir pelo estanho de Thulé.

E agora, desta cidade poderosa e rica, resta apenas um lúgubre esqueleto! Dessa vasta dominação subsiste agora unicamente uma lembrança obscura e vã! À concorrência ruidosa que se comprimia debaixo destes pórticos sucedeu a solidão da morte. O silêncio dos túmulos veio substituir o murmúrio das praças públicas. A antiga opulência da cidade comercial transformou-se em horrível pobreza. Os palácios dos reis converteram-se em antros de feras; os rebanhos fizeram do interior dos templos o seu redil, e os imundos répteis habitam agora os santuários divinos! Ah, como se eclipsou tanta glória! Como se inutilizaram tantos trabalhos! Assim perecem as obras dos homens! Assim se dissipam os impérios e as nações!

Então, a história da antiguidade acudiu vivamente à minha lembrança: recordei, como se os vivera, esses séculos antigos em que vinte povos famosos existiam nestas regiões. Vi o Assírio nas margens do Tigre, o Caldeu nas do Eufrates, o Persa dominando desde Indo ao Mediterrâneo. Recordei-me das ruínas de Damasco, da Idumeia, de Jerusalém e de Samaria, dos belicosos Estados dos Filisteus e das repúblicas comerciantes da Fenícia. Esta Síria, dizia eu, hoje quase despovoada, contava então cem poderosas cidades. Os seus campos achavam-se cobertos de vilas, aldeias e lugarejos. Por todos os lados se viam campos cultivados, estradas frequentadas, casas apinhadas. Ah! Em que se transformaram esses tempos de abundância e de vida? Que fim tiveram essas instituições brilhantes produzidas pelo homem! Onde se acham os baluartes de Nínive, as muralhas e os jardins da Babilónia, os palácios de Persépolis, os templos de

Balbeck e de Jerusalém? Onde pairam as frotas de Tiro, os estaleiros de Arad, as oficinas de Sídou, e a multidão de marinheiros, pilotos, negociantes, soldados e artistas? E aqueles lavradores, aquelas colheitas, aqueles rebanhos, toda essa criação de seres vivos que eram o orgulho e a glória da terra, onde estão? Ah! Percorri essa terra assolada! Visitei os lugares que foram palco de tanto esplendor, e só encontrei desolação e silêncio! Busquei os povos antigos e as suas obras, e apenas encontrei vestígios semelhantes às pegadas do caminhante na areia movediça. Os templos caíram por terra, os palácios desmoronaram-se, os portos entulharam-se, as cidades foram destruídas e o país, desabitado, é agora apenas um campo desolado onde só vira sepulcros. Grande Deus! Donde provêm tão funestas revoluções! Por que motivos se transformou, tão profundamente, a felicidade destes países? Que causas produziram a destruição destas populosas cidades? Qual a razão de não se perpetuar e reproduzir tão antiga e grandiosa população?

Imerso assim no delírio das minhas meditações, novas reflexões se apresentavam incessantemente ao meu espírito. Tudo, dizia comigo, desconcerta a minha razão e lança a minha alma na agitação e na incerteza. Quando estes países gozavam de glória e felicidade, os povos que os habitavam eram *infelizes*: eram os Fenícios, sacrificadores homicidas do deus Molok, que reuniam dentro dos seus muros as riquezas de todos os países; eram os Caldeus, prostrados diante da serpente⁽³⁾, que subjugavam cidades opulentas e despojavam os palácios dos reis e os templos dos deuses; eram os Persas, adoradores do fogo,

(3) O dragão Bel, nome de um rei de Assíria, filho de Neptuno e de Líbia. Chamado depois Baal pelos Caldeus.

que recebiam tributos de cem nações; eram os habitantes desta mesma cidade, adoradores do Sol e dos astros, que erigiam grandiosos monumentos de prosperidade e de luxo. Numerosos rebanhos, campos férteis, colheitas abundantes, tudo quanto deveria constituir, segundo parece, o justo prêmio da piedade, estava nas mãos desses idólatras, e agora, depois de habitados por povos *crentes* e *santos*, tudo se converteu em solidão e esterilidade! Essas mãos abençoadas só produzem cardos e silvas! O homem semeia oprimido de angústia, para recolher apenas lágrimas e cuidados: a guerra, a fome e a peste assaltam-no por todos os lados... E, contudo, não são estes os filhos dilectos dos Profetas?

O muçulmano, o cristão, o judeu, não são, porventura, povos eleitos pelo Céu, que sobre eles derrama, sem cessar, graças e milagres? Porque não desfrutam, então, os mesmos benefícios de que gozavam os antigos? Porque se acham privados desses favores, estas terras, já santificadas pelo sangue radioso dos mártires? Porque foram desterrados e transferidos para outras nações, há tantos séculos já?

A estas palavras, o meu espírito seguiu o curso das revoluções que alternativamente transmitiram o ceptro do mundo a povos tão diferenciados entre si pelos cultos e costumes, desde os da antiga Ásia até aos mais modernos da Europa: e o nome da terra que foi meu berço despertou em mim o sentimento da pátria, para a qual volvi os olhos, pensando saudoso na situação em que a havia deixado.

Lembrei-me daqueles campos tão ricamente cultivados, das suas estradas tão sumptuosamente traçadas, das suas cidades populosas, das suas frotas vogando por todos os mares, dos seus portos regurgitando de produtos de uma e outra Índia; e, comparando a actividade do seu comércio, a extensa rede da sua navegação, a magnificência dos seus

monumentos, as artes e a indústria dos seus habitantes, tudo enfim quanto o Egipto e a Síria possuíram noutros tempos, comprazia-me em ver, na Europa moderna, o esplendor antigo da velha Ásia. Porém, em seguida, desvaneceu-se-me tão encantador sonho, ante novo raciocínio. Reflecti no que haviam sido as actividades dos lugares que contemplava. Quem sabe, disse eu, se virá um dia em que se determinará, na minha região natal, o mesmo terrível abandono? Quem sabe se nas margens do Sena, do Tamisa ou do Zuiderzee, onde agora, no torvelinho dos prazeres, o coração e os olhos a custo conseguem abarcar a multidão das sensações vertiginosas, quem sabe se um viajante como eu sentado sobre emudecidas ruínas não virá, um dia, chorar solitário em cima das cinzas dos povos, rememorando as passadas grandezas?

A estas palavras os olhos inundaram-se-me de lágrimas, e, cobrindo a cabeça com a ponta da capa, entreguei-me a lúgubres meditações sobre as causas humanas. Ah! Homem desventurado!, exclamei com fundo pesar: a fatalidade cega ri-se do teu destino! E uma lei funesta rege ao acaso a sorte dos mortais! Mas, oh, não! Sinto que são decretos da justiça divina que se cumprem! Um Deus misterioso exerce os seus incompreensíveis julgamentos! Sem dúvida lançou algum anátema terrível contra esta terra, amaldiçoando as actuais gerações, pelos delitos das raças extintas! Oh! Quem ousará sondar os arcanos da Divindade?(⁴)

E assim permaneci imóvel, mergulhado em profunda melancolia.

(⁴) A fatalidade é o preconceito universal e enraizado dos Orientais: ESTAVA ESCRITO é a resposta que têm para tudo; daí a sua apatia e a sua negligência, que são um obstáculo radical a toda instrução e civilização.